

Viagem de meu irmão Alexei ao país da utopia camponesa

Capítulo primeiro,

no qual o benévolo leitor toma conhecimento do triunfo do socialismo e do protagonista de nossa novela, Alexei Kremnev.

A meia-noite já havia passado fazia tempo quando o dono da carteira de trabalho nº 37.413, em tempos remotos chamado Alexei Vasilievich Kremnev no mundo burguês, abandonou o auditório do Museu Politécnico, sufocante e cheio até o exagero.

A neblina de uma noite outonal obscurecia as ruas adormecidas. Uns poucos faróis pareciam perder-se nos labirintos das longínquas ruelas. O vento agitava as folhas amareladas das árvores do passeio público, e as muralhas de Kitai-gorod ressaltavam na escuridão como uma massa irreal.

Kremnev dobrou a Rua de São Nicolau. Na neblina, ela parecia adquirir novamente sua configuração primitiva. Cobrindo-se, em vão, com a capa para escapar da umidade penetrante da noite, Kremnev observou com melancolia a igreja de São Vladimir e a capela de São Panteleimon. Recordou como, há tantos anos, quando estava matriculado na faculdade de jurisprudência, temeroso, havia comprado, precisamente ali, à direita, na livraria de Nicoláiev, O ABC das ciências sociais de Flerovski e como, três anos depois, havia começado sua coleção de ícones, logo após descobrir no Elisei Silin um Salvador de Novgorod. Também vieram à sua mente as longas horas em que, com os olhos ardentes de um sectário, esgravatava os tesouros manuscritos e impressos do livreiro Sibanov, justamente ali onde estava agora, na débil luz de um poste, onde se podia ler a lacônica inscrição Gravbum.

Repelindo essas recordações delitosas, Alexei se dirigiu à porta de Iver, passou diante da primeira casa dos soviets e desapareceu nas trevas das ruelas moscovitas.

Porém, na sua cabeça ardiavam dolorosamente palavras, frases e fragmentos de frases ouvidos pouco antes no comício realizado no Museu Politécnico:

“Destruindo a família, acertamos o golpe final no regime burguês!”.

“Nosso decreto que proíbe a alimentação em domicílio expulsa de nossa existência o alegre veneno da família burguesa e consolida até o fim dos séculos os princípios socialistas.”

“A intimidade familiar gera desejos de posse; o prazer do pequeno proprietário esconde os germes do capitalismo.”

A cabeça cansada, dolorida, pensava por hábito e sem refletir, concebia sem deduzir, enquanto as pernas se dirigiam automaticamente até à casa, meio destruída, condenada à demolição total dentro de uma semana, de acordo com o decreto de 27 de outubro de 1921, há pouco publicado e comentado.

Capítulo segundo,

que narra a influência de Herzen sobre a imaginação inflamada de um filósofo soviético.

Após ter passado manteiga numa grande fatia de pão, bendito dom do mercado de Sujarev milagrosamente alforriado, Alexei serviu-se de um copo de café bem quente e sentou-se à escrivaninha.

Através dos vidros da grande janela avistava-se a cidade; abaixo, na neblina noturna, alargavam-se como manchas claras e leitosas as filas de postes da rua. Sobre as massas escuras das casas se via a débil luz amarela de alguma janela ainda iluminada.

“E assim está feito”, pensou Alexei, observando a Moscou noturna. “Velho Morris, virtuoso Moro, Bellamy, Blatchford e vocês, bons e queridos utopistas. Seus sonhos solitários se transformaram em convenções gerais, suas audácias mais impulsivas em programa oficial e banalidade cotidiana! No quarto ano da revolução, o socialismo pode considerar-se o único patrono do planeta. Estão satisfeitos, pioneiros utopistas?”

E Kremnev observou o retrato de Fourier, colocado sobre um dos armários de sua biblioteca.

Certamente, para ele, velho socialista, alto funcionário soviético, diretor de uma das seções do Conselho Mundial de Economia, nem tudo era precisamente perfeito; tinha uma recordação confusa do passado: uma espécie de teia de aranha de psicologia burguesa obscurecia sua consciência socialista.

Deu alguns passos sobre o tapete de seu escritório, deslizando o olhar sobre as encadernações dos livros e encontrou inesperadamente uma fileira de pequenos volumes quase esquecidos, sobre uma estante. Os nomes de Chernishevski, Herzen e Plejanov o observavam do dorso das bem cuidadas encadernações em couro. Sorriu como se sorri de uma recordação de infância e pegou da estante um tomo de Herzen, na edição Plavlenkov.

Deram duas da manhã. Depois de dar a hora com um silvo prolongado, o relógio calou.

Palavras boas, nobres e puerilmente ingênuas desfilavam ante os olhos de Kremnev. A leitura cativava, comovia, como o fazem as recordações do primeiro amor juvenil, do primeiro juramento da adolescência.

Era como se a mente se tivesse liberado da hipnose do ramerrame soviético. Na consciência brotaram pensamentos novos, não-banais, parecia-lhe possível pensar com outros parâmetros.

Kremnev leu emocionado uma página profética que havia esquecido há muito tempo:

“As gerações fracas, enfermas, ignorantes”, escrevia Herzen, “se arrastarão da melhor maneira possível até a explosão, até este ou aquele rio de lava que as cobrirá com uma capa de pedra e as condenará ao esquecimento das crônicas. E então? Então chegará a primavera, uma vida juvenil voltará a brotar sobre a tampa de seu ataúde; a barbárie da infância, acumulada de forças liberadas, porém sadias, substituirá a da velhice; uma fresca potência selvagem surgirá no peito dos povos adolescentes e será o início de um novo ciclo de acontecimentos e do terceiro tomo da história universal.

Já se pode intuir o tom geral! Este pertencerá às idéias sociais. O socialismo se desenvolverá em todas as suas fases até suas conseqüências mais extremas, até o absurdo. Então, da titânica obra de uma minoria revolucionária escapará de novo um grito de repúdio, novamente começará uma luta mortal na qual o socialismo ocupará o posto do conservadorismo atual e será vencido pela revolução futura, desconhecida para nós.”

“Uma nova insurreição? Onde está? Em nome de que ideais?”, pensava ele. “Ai de mim, a debilidade da doutrina liberal tem sido tal que não posso criar uma ideologia sem ter utopias.”

Sorriu melancolicamente. Oh, vocês, os Miliukov e os Novgorodcev, os Kuskova e os Makarov, que utopia escrevem sobre seus estandartes? O que têm para propor em lugar do regime socialista, fora do obscurantismo da reação capitalista? De acordo... Estamos longe de viver em um paraíso socialista, porém o que nos darão em troca?

De repente, o livro de Herzen fechou-se estrepitosamente e uma pilha de volumes em oitavo e em fôlio caiu da estante.

Kremnev sobressaltou-se.

Um sufocante odor de enxofre entrou na habitação. Os ponteiros do grande relógio começaram a girar cada vez mais velozes, até desaparecerem numa rotação frenética. As folhas do calendário despregavam-se ruidosamente e voavam pelo ar, enchendo a casa de torvelinhos de papel. Os muros vibravam e pareciam deformar-se.

Kremnev estava prestes a desmaiar: um suor frio lhe umedecia a fronte. Estremeceu e, em pânico, lançou-se até a porta da copa, que se fechou atrás dele com um ruído de árvore que se quebra. Buscou em vão o interruptor da luz elétrica. Não estava em seu lugar habitual. Avançando na escuridão, chocava-se com objetos desconhecidos. Estava desmaiando e sua consciência se escurecia como nas vertigens no mar.

Exausto pelos esforços realizados, Alexei se deixou cair sobre um divã que nunca tinha estado ali e perdeu os sentidos.

Capítulo terceiro,

que descreve a chegada de Kremnev ao país da utopia, assim como suas agradáveis conversas sobre a história da pintura do século XX com uma moscovita utópica.

Um som argentino despertou Kremnev.

– Bom, sim, sou eu – ouviu-se uma voz feminina. – Sim, chegou... obviamente esta noite... Dorme ainda... Devia estar cansadíssimo, pois dormiu sem tirar a roupa... Bem. Chamarei de novo.

A voz se calou e um ruído de saias indicou que sua proprietária havia saído da casa.

Kremnev atinou-se sobre o sofá e esfregou os olhos com estupor.

Achava-se deitado em um grande quarto amarelo, inundado pelos raios matutinos do sol. Em sua volta estavam móveis de mogno de um estranho estilo desconhecido, com tapeçarias amarelas e verdes, cortinas amarelas semi-abertas, uma mesa com estranhos instrumentos metálicos. No quarto vizinho se ouviam ligeiros passos femininos. Uma porta bateu e depois se fez silêncio.

Kremnev, num salto, colocou-se em pé desejando saber o que havia acontecido e aproximou-se rapidamente da janela.

Pesadas nuvens outonais flutuavam como navios no céu azul. Junto a elas, um pouco mais abaixo deslizavam aeroplanos de formas estranhas, pequenos e grandes, cujas partes metálicas, rotativas, refletiam-se no solo.

Abaixo se estendia uma cidade... Indubitavelmente era Moscou.

À esquerda surgia a massa das torres do Kremlin, à direita a vermelha Torre Sujarev e, mais

distante, despontava orgulhosamente Kadachi.

Um panorama que conhecia há muitos, muitos anos.

No entanto, como tudo havia mudado ao redor! Desapareceram as massas de pedras que haviam ocultado o horizonte, faltavam conjuntos arquitetônicos inteiros, e o edifício de Nyrensee não estava em seu lugar... Em troca, tudo estava submerso no verde... Grandes manchas de árvores chegavam quase até o Kremlin, deixando ilhas isoladas de conjuntos arquitetônicos. Ruas que eram passeios arborizados atravessavam esse mar verdejante que começava a tingir-se de amarelo. Ondas de pedestres, de automóveis, de carruagens deslizavam por ela como uma corrente viva. Tudo transmitia uma espécie de claro frescor e vigorosa confiança.

Certamente era Moscou, porém uma Moscou nova, transformada e sossegada.

– Terei eu me convertido no protagonista de uma novela utópica? – exclamou Kremnev. – Confesso que é uma situação um tanto ridícula!

Para orientar-se, começou a olhar ao seu redor procurando encontrar um ponto de referência para formar um conceito sobre esse novo mundo que o cercava.

– O que me espera fora destes muros? O feliz reino do socialismo iluminado e reforçado? A admirável anarquia do príncipe Piotr Alexevich? O capitalismo restaurado? Ou talvez algum novo sistema social desconhecido até agora?

Pelo que se podia julgar observando da janela, uma coisa era clara: a população vivia em um grau bastante elevado de bem-estar, de cultura e de espírito comunitário. Porém, isso era muito pouco para se compreender a substância do ambiente.

Alexei examinou então, com ávida curiosidade, os objetos que o rodeavam, o que também pouco ajudou para clarear a situação.

Eram, em sua maioria, objetos comuns, distinguindo-se entre si somente pelo cuidadoso acabamento, pela peculiar precisão e pelo luxo da sua execução, assim como pelo estranho estilo das formas que, em parte, recordavam a arte russa antiga e em parte os ornamentos de Nínive. Em poucas palavras, era o estilo babilônico fortemente russificado.

Sobre o delicadíssimo e profundo divã no qual Kremnev havia despertado estava pendurado um grande quadro que atraiu sua atenção.

À primeira vista, poderia dizer-se que se tratava de uma peça clássica de Peter Brueghel, o Velho: a mesma composição com o horizonte alto, as mesmas cores vivas e preciosas, as mesmas pequenas plantas, porém... sobre a lareira estavam pintados homens de fraques multicores, damas com sombrinhas, automóveis. O tema representava, sem dúvida, algo como a decolagem de aviões. Algumas reproduções, colocadas sobre uma mesinha ao lado, eram do mesmo gênero.

Kremnev se aproximou da grande escrivaninha feita de uma espécie de sobreiro maciço e começou a examinar, cheio de esperança, os livros que ali estavam esparramados. Viu o quinto volume da Prática do socialismo de V. Zer; Renascimento da crinolina; Tentativa de estudo sobre a moda atual; dois volumes Do comunismo ao idealismo, de Riazánov; a trigésima oitava edição das Memórias de Kuskova; uma esplêndida edição do Cavaleiro de bronze; um folheto sobre a Transformação da energia V; e, por fim, tremendo de emoção, sua mão se fechou sobre o último número de um jornal.

Emocionadíssimo, desdobrou o diário, de dimensões médias. No cabeçalho aparecia a data de 5 de setembro de 1984, 23 horas. Havia dado um salto de 60 anos.

Não havia dúvida: Kremnev despertara no país do futuro. Mergulhou na leitura do periódico.

“Os camponeses”, “A época apertada da civilização urbana”, “O coletivismo do estado: funesta memória”, “Nos tempos do capitalismo, isto é, quase na pré-história...”, “O sistema ilhado anglo-francês”; todas essas frases, assim como dezenas de outras, atravessavam o cérebro de Kremnev,

enchiam-no de estupor e de um intenso desejo de saber.

O som de um telefone interrompeu suas reflexões. Ouviram-se passos no quarto vizinho. A porta se escancarou e uma moça entrou envolvida em um vagalhão de raios solares.

– Ah! Já se levantou... – disse com alegria. – Ontem adormeci e não o ouvi chegar.

O som se repetiu.

– Com licença, deve ser meu irmão perguntando por você... Bem, sim, levantou-se... Porém, na verdade, não saberia... Logo lhe pergunto... Você fala russo, senhor... Charlie... Man... se não me engano?

– Claro, naturalmente? – exclamou Alexei, involuntariamente com a voz muito alta.

– Fala e até com um sotaque de Moscou... Bem, vou colocá-lo na linha.

Desconcertado, Kremnev tomou em suas mãos algo que lhe recordou um receptor dos velhos tempos, ouviu uma saudação pronunciada por uma agradável voz grave, a promessa de passar ali às três, a afirmação de que sua irmã se ocuparia de tudo, e, desligando o telefone, tomou consciência, plena consciência, de que pensavam que ele era outro, um tal de Charlie Man.

A moça já não estava na casa. Com a determinação do desespero, Alexei correu até a escrivaninha na esperança de achar entre os papéis e as pilhas de telegramas pelo menos um pedacinho de luz sobre o mistério que o envolvia.

A sorte o acompanhou. A primeira carta que pegou estava assinada por Charlie Man e colocava, em poucas frases, seu desejo de visitar a Rússia e conhecer as realizações técnicas no campo da agricultura.

Capítulo quarto,

que continua o terceiro e está separado dele só para evitar Capítulos muito grandes.

A porta se abriu e a jovem dona de casa entrou no quarto trazendo uma bandeja sobre a qual fumegavam as xícaras do desjejum.

Alexei estava fascinado por essa mulher utópica, pelo seu rosto quase clássico, idealmente colocado sobre um colo robusto, pelos grandes ombros e pelo abundante peito que a cada respiração levantava o tecido da camiseta.

O instante de silêncio que acompanha um primeiro encontro abriu rapidamente espaço para uma animada conversação. Para evitar o papel de narrador, Kremnev conduziu a conversação para a arte, imaginando que isso não incomodaria uma moça que vivia em um lugar decorado com pinturas tão apreciáveis.

A moça, que se chamava Paraskeva, falou com todo o ardor de seu entusiasmo juvenil sobre seus pintores prediletos: Brueghel, o Velho, Van Gogh, o velho Ribnikov e o maravilhoso Ladonov. Fervorosa admiradora do neo-realismo, buscava na arte o segredo das coisas, algo que fosse tanto divino como diabólico, mas que transcendesse as forças humanas.

Mesmo reconhecendo o valor supremo do existente, exigia do artista congenialidade com o criador do universo, apreciava num quadro a força do sortilégio, a centelha de Prometeu que lhe conferia uma nova essência e, substancialmente, sentia-se próxima ao realismo dos antigos mestres de Flandres.

Através de suas palavras Kremnev compreendeu que a pintura da época da grande revolução, marcada pelo futurismo e pela demolição total das antigas tradições, fora seguida por um período de

futurismo barroco, de futurismo domado e suave.

Logo, como uma reação, como o sol depois de um temporal, a sede de perfeição técnica se avivou. Começaram a ficar em moda os bolonheses, os primitivos foram subitamente esquecidos e as salas dos museus, com quadros de Memling, de Fra Angélico, de Botticelli e de Cranach, quase não receberam visitantes. Sem dúvida, submetida a ciclos temporais e sem perder nada de sua grandeza, essa arte sofreu uma evolução progressiva até a decoração e deu origem aos quadros e aos afrescos monumentais da época da conspiração de Varvarin. Passou tempestuosamente o período da natureza-morta e das nuances azuis-celestes, os afrescos de Suzdal do século XII tornaram-se, então, padrões de concepções universais, até chegar-se ao reino do realismo com Peter Brueghel como ídolo.

Passaram-se duas horas sem que se dessem conta, e Alexei não sabia se escutava a profunda voz de contralto de sua interlocutora ou se contemplava as pesadas tranças enroladas sobre sua cabeça.

Os olhos atentos, muito abertos, e uma pinta em seu colo eram mais eloqüentes que as argumentações sobre a excelência do neo-realismo.

Capítulo quinto,

extremamente grande, mas indispensável para que Kremnev conheça a Moscou de 1984.

– Vou fazê-lo atravessar toda a cidade – disse Nikifor Alexevich Minin, irmão de Paraskeva, acomodando Kremnev em um automóvel. – Assim verá nossa Moscou de hoje.

O automóvel arrancou.

A cidade parecia um parque ininterrupto, no interior do qual surgiam à direita e à esquerda conjuntos de edifícios que lembravam pequenas cidades dispersas.

Às vezes, a inesperada curva de uma rua descortinava aos olhos de Kremnev partes de edifícios conhecidos, construídos nos séculos XVII a XVIII.

Além das densas copas das árvores que estavam amarelando, reluziam as cúpulas de Barizi; logo, em uma passagem entre as tílias, apareceram as suntuosas formas do edifício construído por Rastrelli, para onde Kremnev se dirigia quando era colegial. Em poucas palavras, estavam andando pela utópica rua Pokrovka.

– Quantos habitantes tem a sua Moscou? – perguntou Kremnev a seu acompanhante.

– Não é muito fácil responder a essa pergunta. Considerando-se o território que a cidade ocupava na época da Grande Revolução e contando-se os residentes estáveis, chegaremos, penso, a 100 mil pessoas; mas, há uns 40 anos, imediatamente depois do decreto de eliminação das cidades, não eram mais de 30 mil. Por outro lado, durante o dia, levando em conta todos os que estão de passagem ou se alojam nos hotéis, penso que devemos alcançar uma cifra que supera 5 milhões.

O automóvel diminuiu de velocidade. A rua tornou-se mais estreita: os edifícios apertavam-se cada vez mais e começaram a aparecer ruas do antigo tipo urbano. Milhares de automóveis e de carruagens formavam, em algumas ruas, uma corrente ininterrupta que fluía para o centro da cidade, enquanto que sobre amplas calçadas movia-se uma multidão de pedestres. Chamava a atenção a ausência quase total da cor negra; as jaquetas e as camisas dos homens, quase sempre do mesmo tom e de cores vivas – azuis, vermelhas, amarelas – misturavam-se aos vestidos multicoloridos das mulheres, que lembravam algo como o sarafan enfeitado de crinolina e com uma grande variedade de formas.

Misturavam-se à multidão jornalheiros, floristas, vendedores de sbiten e de cigarros. Sobre as cabeças dos transeuntes e da maré de carruagens, agitavam-se, resplandecendo ao sol, estandartes e grinaldas de bandeirinhas.

Entre os caminhos das carruagens, corriam crianças que vendiam folhetos e gritavam, esgoelando-se: “Maravilha! Vânia de Vologda contra Ter-Markelianc!”.

A multidão discutia com animação e trocava exclamações cheias de termos extraídos do jogo da tava. Kremnev olhou espantado para seu companheiro; este sorriu e disse:

– É o jogo nacional! Hoje é o último dia da competição internacional pelo título de campeão. É o campeão do jogo com ossos de cabra, originário de Tiflis, que desafia o campeão de Vologda... Porém, Vânia não ficará atrás e, esta noite, a Praça dos Teatros o verá vencedor pela quinta vez.

Diminuindo mais a velocidade, o automóvel atravessou a Praça de Lubianka, que havia conservado tanto as muralhas de Kitai-gorod como os Meninos de Vitali, e continuou passando em frente à estátua do Primeiro Impressor. A Praça dos Teatros era um mar de cabeças, do fogo artificial das bandeiras coloridas que flamejavam ao sol, de tribunas cujas filas quase alcançavam o teto do Bolshoi e pelos clamores da multidão. O jogo da tava estava em pleno andamento.

Kremnev olhou à sua esquerda e seu coração disparou. Ali não estava o Metropole. Em seu lugar havia uma praça na qual se levantava uma gigantesca coluna formada por bocas de canhões ao redor da qual se enroscava em espiral uma cinta de metal adornada com baixos relevos. Coroavam a enorme coluna três gigantes de bronze que se davam as costas, amigavelmente de mãos entrelaçadas. Kremnev se aproximou e deixou escapar um grito quando reconheceu as célebres figuras.

Sem a menor dúvida, erguidos sobre um milhar de bocas de canhão, apoiando-se amigavelmente, estavam Lenin, Kerenski e Miliukov.

O automóvel fez uma curva fechada à esquerda e passaram rapidamente aos pés do monumento.

Kremnev demorou um pouco para reconhecer algumas das figuras do baixo relevo: Rikov, Konovalov e Prokopovich formavam um grupo pitoresco junto a uma bigorna, Sereda e Maslov estavam como que semeando. Não conteve uma exclamação de perplexidade, à qual seu acompanhante respondeu entre dentes, sem tirar da boca o cachimbo fumegante:

– O monumento aos artífices da Grande Revolução.

– Mas escute, Nikifor Alexevich, esses homens, quando estavam vivos, certamente não formavam um grupo tão pacífico!

– Bem, para nós, de uma perspectiva histórica, são os participantes de uma mesma obra revolucionária e, creia-me, o moscovita de hoje não lembra muito bem das diferenças que existiam entre eles. Ai! Quase atropelo um cão!

O automóvel dobrou à esquerda, a senhora do cachorrinho à direita. Uma volta, e o carro mergulha em uma espécie de tubo subterrâneo, corre por alguns instantes embaixo da terra a uma velocidade quase enlouquecida e, numa alegria culminante, emerge sobre o cais de Moscava detendo-se junto a um café com mesinhas.

– Vamos tomar alguma coisa doce antes de prosseguir a viagem – propôs Minin descendo do carro.

Kremnev olhou ao redor: à sua frente via erguer-se uma ponte que reproduzia com tanta fidelidade a Ponte de Pedra de 1600 que parecia saída de uma gravura de Picard. Atrás, com todo o seu esplendor e o brilho de suas cúpulas douradas, surgia o Kremlin, rodeado, por todos os lados, pelo ouro da floresta outonal.

Um garçom vestido de modo tradicional, com camisa e calças brancas, trouxe uma bebida parecida a uma musse enfeitada com frutas a nossos viajantes, que, calando, permaneceram por um momento em contemplação.

– Perdoe-me – começou Kremnev após um momento de silêncio. – Como estrangeiro, não compreendo a organização de sua cidade e não entendo muito bem a história da dispersão de seus habitantes.

– No princípio – respondeu seu companheiro – foram as causas políticas que influenciaram a reorganização de Moscou. Em 1934, quando os partidos camponeses tiveram o poder firmemente sob as mãos, o governo de Mitrofanov, a quem uma longa prática mostrara os perigos que representam para um regime democrático as enormes concentrações urbanas, chegou a uma decisão revolucionária e fez ser adotado pelo Congresso dos soviets o famoso decreto, que vocês também conhecem em Washington, sobre a eliminação das cidades de mais de 20 mil habitantes.

Naturalmente, foi mais difícil aplicar esse decreto em Moscou do que em qualquer outro lugar. Nos anos 30, Moscou tinha mais de 4 milhões de habitantes. Mas a perseverança obstinada dos dirigentes e a capacidade técnica civil permitiram cumprir esse trabalho no espaço de dez anos.

As oficinas ferroviárias e os depósitos de mercadorias foram trasladados para a quinta via de circulação; os ferroviários e suas famílias habitantes das 22 radiais foram realocados ao longo delas, além dessa quinta via de circulação, que corresponde às estações de Ramenskoe, Kubinka, Klin etc. Em toda a Rússia, as fábricas foram gradualmente reinstaladas próximas aos novos eixos ferroviários.

Em 1937, as ruas de Moscou começaram a esvaziar-se. Depois da conspiração de Varvarin, os trabalhos foram naturalmente acelerados e os civis começaram a planificar a nova Moscou. Foram destruídos centenas de arranha-céus, tendo-se recorrido muitas vezes à dinamite. Meu pai lembra que, em 1939, os mais audazes dos nossos dirigentes, caminhando por esta cidade em ruínas, corriam o risco de serem acusados de vandalismo, tão desolador era o quadro de destruição que oferecia Moscou. Sem dúvida, os demolidores guiavam-se pelos planos de Zholtovski e encarniçavam-se no trabalho. Para tranqüilizar a população e a Europa, em 1940 foi completamente finalizado um setor. O resultado surpreendeu e acalmou os ânimos. Em 1944, toda Moscou havia assumido o aspecto atual.

Minin tirou de sua bolsa um pequeno mapa da cidade e o abriu:

– Agora, sem dúvida, o regime camponês se fortificou tanto que aquele decreto, sagrado para nós, já não se aplica com a mesma severidade puritana de antigamente. A população de Moscou cresce de tal maneira que nossos conselhos municipais, para salvaguardar a letra da lei, dão o nome de Moscou somente ao território da antiga Cidade Branca, isto é, a zona delimitada pelos parques da época pré-revolucionária.

Kremnev, que estava examinando atentamente o mapa, levantou os olhos:

– Perdoe-me – disse. – Mas isso é uma espécie de sofisma, pois ao redor da Cidade Branca continua a cidade. E também não vejo como pode efetuar-se sem dor essa ruralização de seu país e qual o mesquinho papel que podem ter suas cidades pigméias na economia nacional.

– É difícilimo, para mim, responder em poucas palavras a sua pergunta. Veja, antigamente a cidade era auto-suficiente, o campo só servia como apoio. Hoje se pode dizer que já não existem cidades, só existe um lugar para o exercício de um modo de relações sociais. Cada cidade nova é simplesmente um espaço para as pessoas se reunirem, um tipo de praça central do distrito. Não é um lugar onde se vive, porém um lugar de diversão, de reunião e de algumas atividades. Um ponto de encontro, não uma entidade social.

Minin levantou seu copo, bebeu um gole e prosseguiu.

– Veja Moscou: tem cerca de 100 mil habitantes, mas existem albergues com 4 milhões de camas. No coração do distrito, para cada 10 mil habitantes há lugar nos albergues para 100 mil visitantes. E os albergues quase sempre estão lotados. As vias de transporte permitem que, em uma hora, uma hora e meia, qualquer camponês possa ir à cidade, o que ele faz freqüentemente. Porém, é hora de

partirmos. Devemos dar uma grande volta para pegar Katerina em Arcangelsko.

O automóvel se pôs a caminho, contornando o Passeio Prechistenski. Kremnev olhou para trás com espanto: no lugar do templo de Cristo Salvador, dourado e resplandecente como um samovar de Tula, viu titânicos escombros recobertos de heras, manifestamente bem-cuidadas.

Capítulo sexto,

no qual o leitor poderá convencer-se de que Arcangelsko, em 80 anos, não esqueceu de como fazer pasteizinhos de ricota e baunilha para o chá.

No Parque Tverski, erguia-se entre as tílias que se haviam tornado mais exuberantes a antiga estátua de Pushkin. Colocada no lugar em que Napoleão mandou enforcar os presumíveis incendiários de Moscou, era um testemunho mudo de terríveis fatos da história russa. Recordava as barricadas de 1905, os comícios noturnos e os canhões bolcheviques de 1917, as trincheiras da Guarda Camponesa de 1932, os lança-bombas de Varvarin de 1937 e permanecia ali tranqüilamente à espera de futuras vitórias.

Só uma vez intervieria na tempestade das paixões políticas e havia lembrado à multidão congregada a seus pés da fábula do pescador e do peixinho, porém não lhe deram atenção...

O automóvel penetrou nos Grandes Parques do Oeste. Nesse lugar, antigamente se estendiam as calmas e poeirentas ruas Tverski-Jamski. As luxuriantes tílias do Parque Ocidental haviam substituído os edifícios uniformes e, como pequenas ilhas num mar verde e ondulado, distinguíam-se no meio da vegetação as cúpulas de uma catedral e os muros brancos da Universidade de Zhaniavski.

Milhares de automóveis deslizavam sobre o asfalto da Grande Estrada do Oeste. Os jornalistas e as floristas caminhavam entre a multidão colorida das animadas calçadas. Brilhavam os toldos amarelos do café, as nuvens apareciam coalhadas por centenas de grandes e pequenos aviões, pesadas aeronaves para passageiros decolavam do aeroporto ocidental.

O automóvel correu ao redor dos passeios do Parque de Pedro, inundado pelo rumor de vozes infantis. Passou diante das serras de Serebriani Bor, fez uma curva fechada para a esquerda e, como uma flecha lançada por um arco, entrou na estrada de Zvenigorod.

A cidade parecia não ter fim. À direita e à esquerda estendiam-se os mesmos parques magníficos, surgiam casinhas, às vezes conjuntos arquitetônicos, só que, entre as cortinas de maçãs e amoras, em lugar de flores viam-se hortas, pastagens férteis e campos de trigo já colhidos.

– E então – disse Kremnev voltando-se para seu acompanhante – seu decreto sobre a eliminação das aglomerações urbanas obviamente existe só no papel. Os subúrbios de Moscou se estendem muito além de Vseshevitsko.

– Perdoe-me, Mr. Charlie, mas isso não é a cidade: é a típica campanha da Rússia setentrional – e explicou a um Kremnev surpreso que, por causa da densidade da população camponesa na província de Moscou, o campo havia assumido uma aparência fora do comum ao habitat rural. Em um raio de 100 verstas, toda a região ao redor de Moscou forma agora uma só aglomeração rural, interrompida unicamente pelos bosques públicos, pelas pastagens das cooperativas e por imensos parques climáticos.

Nas regiões das fazendas, onde as parcelas familiares são de três a quatro desiatinas, numa distância de dezenas de verstas, as casas camponesas quase se tocam, e somente as densas cercas, de amoreiras ou de árvores frutíferas, separam as construções. Por outro lado, na verdade, é hora de

terminar com a antiquada divisão entre cidade e o campo, pois atualmente temos um tipo de habitat mais ou menos concentrado ou disperso onde vive a mesma população agrícola.

– Olhe os conjuntos de edifícios um pouco maiores que os outros – disse Minin indicando algo à distância, para a esquerda. – São as vilas. Há uma escola local, uma biblioteca, uma sala de espetáculos e de dança, e outros serviços públicos. É um pequeno ponto de referência social. As cidades atuais são lugares similares ao próprio povoado rural, só que de dimensões maiores... Bem, chegamos.

O bosque havia ficado para trás e ao longe apareceram as harmoniosas muralhas de Arcangelsko. Depois de uma curva fechada, que fez ranger a areia do caminho de acesso, o carro passou por um amplo portão coroado por um anjo que soprava uma trombeta e deteve-se perto das pessoas, dispersando um grupo de moças que jogavam com um aro.

Vestidos brancos, rosas e azuis rodearam os viajantes, e uma jovem de uns 17 anos se atirou aos braços do acompanhante de Alexei, com uma exclamação.

– Mr. Charlie Man, ela é Katerina, minha irmã.

Um instante depois, sobre a grama do Parque Arcangelsko, junto aos bustos de filósofos antigos, os convidados foram acomodados perto de um sussurrante samovar que estava em uma mesa coberta com toalha de linho e sobre a qual se erguiam montanhas douradas de pasteizinhos de ricota.

Alexei foi abundantemente servido de pasteizinhos, sedutores e fofos pasteizinhos de ricota que recendiam a baunilha e eram acompanhados por um perfumado chá. Submergido entre flores e perguntas sobre usos e costumes americanos, foi interrogado sobre se os americanos sabiam escrever versos. Temendo cometer erros, atacou seus interlocutores com duas perguntas para cada uma que lhe era dirigida.

Enquanto comia um pastel depois do outro, soube que o palácio de Arcangelsko pertencia à Confraria dos Santos Floro e Lauro, espécie de monastério laico cujos membros eram recrutados entre rapazes e moças de talento que tinham se distinguido nas artes e nas ciências.

No desfile de salões do velho palácio e nos caminhos ladeados por túlias, iluminados pelas antigas visitas de Pushkin e pelo brilho da galante vida de Boris Nikolaievich Iusupov, este voltairiano possuidor de uma imensa biblioteca consagrada à revolução francesa e à arte culinária, sussurrava a jovem multidão dos detentores do fogo prometéico da criação, dividida entre as tristezas e as alegrias da existência.

A confraria possuía duas dezenas de imensas e maravilhosas propriedades disseminadas pela Rússia e a Ásia, provindas de bibliotecas, laboratórios, pinacotecas e, pelo que se podia entender, era uma das forças criativas mais potentes do país. Alexei surpreendeu-se com as regras do estatuto quase monástico e com a alegria sonora e radiante que impregnava tudo em sua volta: as árvores e as estátuas, os rostos dos donos da casa e até as teias de aranhas outonais que ondeavam ao sol.

Mas tudo isso era insignificante em comparação com o olhar profundo e a voz melodiosa da irmã de Paraskeva. Sem dúvida alguma, as mulheres da utopia faziam Alexei enlouquecer.

Capítulo sétimo,

para convencer a quem quiser que a família é a família e sempre o será.

– Vamos, rápido, amigos – dizia Nikifor Alexevich apressando seus companheiros e carregando as bolsas e as maletas de Katerina para o automóvel. – Segundo as notícias de hoje, começou a chuva

geral e, dentro de uma hora, os meteoróforos provocarão verdadeiros redemoinhos.

Por mais que Kremnev devesse espantar-se a formular perguntas ao ouvir essa frase, não o fez porque estava totalmente atrapalhado tentando proteger com mantas a irmã de Paraskeva.

Em compensação, enquanto o carro deslizava silenciosamente pela parte asfaltada do passeio Novo-Jerusalimski e em ambos os lados da estrada desfilavam campos onde um grande número de camponeses corriam para colocar ao abrigo, antes da chuva, os últimos fardos de aveia, não teve dúvidas e perguntou a seu companheiro:

– Por que diabo vocês usam no campo uma tal quantidade de trabalho humano? Será que a técnica de vocês, que sabe dominar com facilidade a chuva e a estiagem, é impotente para mecanizar o trabalho agrícola e assim liberar as pessoas para tarefas mais qualificadas?

– Fala o americano! – exclamou Minin. – Não, ilustre Mr. Charlie, há pouco a fazer contra a lei da fertilidade decrescente dos solos. Obtemos colheitas de quinhentos puds por desiatina, graças aos cuidados quase individuais a cada espiga. A agricultura nunca foi tão manual como hoje. E não se trata de um capricho, mas de uma necessidade ditada pela densidade de nossa população. Assim são as coisas!

Calou-se e acelerou. O vento sibilava e as mantas de Katerina flutuavam ao vento. Alexei olhava suas pestanas, os lábios que se vislumbravam através das pregas do xale; parecia conhecê-la há muito e a sentia infinitamente próxima... E seu sorriso encantador o animava, fazendo crescer sua alegria e bem-estar.

O sol escurecia e no céu amontoavam-se as nuvens, quando do automóvel vislumbraram-se algumas casinhas agrupadas às margens do rio Lama.

A grande família dos Minin ocupava algumas casinhas construídas no estilo simples de 1500, delimitadas por uma cerca que conferia ao recinto o aspecto de uma pequena cidade antiga. No portal, os viajantes foram recebidos por latidos e rumores de vozes. Um robusto jovem tomou Katerina nos braços, duas meninas e um menino lançaram-se sobre os pacotes de provisões trazidos de Moscou. Uma mocinha em idade escolar pedia uma carta, enquanto que um ancião de muletas, Alexei Alexandrovich Minin, que era o chefe de família, tomou seu homônimo sob proteção e o conduziu ao seu quarto, surpreendendo-se com a pureza de seu russo e o corte de sua roupa americana, que lhe recordava a moda de sua longínqua infância.

Depois de uns dez minutos, Alexei, lavado e penteado, entrou na copa com todo o seu ser tomado de uma profunda perturbação. Em volta da mesa comum adornada com festivas flores, discutia-se com animação e, mal apareceu no umbral, foi eleito juiz absolutamente imparcial. Dois pratos foram submetidos à sua competente decisão: um decorado com caranguejos de rio e uva preta e outro que apresentava uma composição de limões, uvas rosadas e uma taça lapidada cheia de vinho. As duas concorrentes, Meg e Natasha, exigiam com suas sonoras vozes de 15 anos, que se decidisse quem havia composto a natureza-morta mais holandesa.

Com certo esforço, Alexei saiu dessa difícil situação, reconhecendo em uma das composições um original esquecido de Jacok Peter e, na outra, um plágio de Willem Kolf, pelo que recebeu como recompensa aplausos e um enorme pastel de creme, inventado, disseram-lhe, pelo mesmo professor de arte culinária, isto é, a ausente Paraskeva.

O pequeno Antoshka dava um jeito para que o americano lhe contasse se era verdade que na baía de Hudson os peixes mordiam o anzol, porém rapidamente o mandaram dormir. Uma senhora de certa idade, servindo a Alexei a terceira xícara de chá, perguntou-lhe se tinha filhos e não entendia como sua mulher tinha deixado que atravessasse o Atlântico num avião. Muito aflita pelas afirmações de Alexei sobre a ausência de qualquer sinal de existência de uma consorte, dispunha-se a prosseguir com suas perguntas. Nesse momento, duas mãos colocaram um xale sobre os olhos de Alexei, e ele

compreendeu, ou melhor dito, sentiu dentro de si a presença de Katerina.

– Cabra-cega, cabra-cega – gritavam as crianças arrastando-o pela sala. Teve que correr bastante antes que Katerina caísse em seus braços.

A aparição de Alexei Alexandrovich restabeleceu a ordem livrando Kremnev. Fez com que se sentasse junto à lareira e lhe disse:

– Hoje não quero importuná-lo com conversas de trabalho, tão pouco tempo depois de sua chegada. No entanto, diga-me, qual é a primeira impressão de um americano perante nossas comarcas?

Kremnev proferia exclamações de assombro e de entusiasmo, porém o som de um clavicórdio interrompeu a conversação. Katerina havia convidado seu irmão a acompanhá-la e cantava um romance com letra de Derzhavin.

“Já o esturjão dourado do Zheksna,
A coalhada e o borsh estão prontos.
Nas garrafas os vinhos e o ponche que brilha
Seduzem com o gelo e as centelhas.”

Logo continuaram com O peru real, o dueto Os recém-casados inauguram a casa, e Kremnev sentiu que ela cantava para ele e que não queria que desse atenção aos outros.

Mais além da janela caía a cântaros a chuva geral que duraria das nove até às duas horas da madrugada. O quarto se tornou mais acolhedor e o ambiente familiar calmo era aquecido pelo pequeno fogo que se consumia lentamente. A tia Vasilisa lia as cartas para Natasha, enquanto os jovens estudavam o melhor modo de explicar ao americano Iaropolec e Belaia Kolp. Mas Alexei Alexandrovich declarou categoricamente que se reservava Mr. Charlie durante toda a manhã seguinte e que era hora de todos irem dormir.

Kremnev pediu a Meg seu texto escolar de história universal para ler antes de dormir. Guiado por Katerina e sob uma chuva infernal, foi para a ala que lhe havia sido designada.

Capítulo oitavo, histórico.

Depois de ter preparado a cama de Kremnev e colocado sobre a mesa um punhado de biscoitos e de tâmaras, Katerina olhou-o e perguntou repentinamente:

– Lá na América, todos são como você?

Perturbado, Alexei ficou de boca aberta e a moça, não menos perturbada, escapou batendo a porta. Através dos vidros embaçados, relampeou a luz da lanterna que se afastava.

Kremnev ficou só.

Por muito tempo não conseguiu recompor-se da impressão de que naquela jornada fantástica todos os prodígios que havia visto tinham sido superados pela figura fascinante da irmã de Paraskeva.

Recomposto, Kremnev despiu-se e abriu o texto de história.

A princípio, não conseguiu compreender nada: estava descrita detalhadamente a história da comuna de Iaropolec, depois a de Volojolamsk, a da província de Moscou e, somente no fim do livro, algumas páginas narravam a história da Rússia e do mundo.

Com crescente emoção, Kremnev passava de uma página a outra devorando os sucessos históricos e os biscoitos de Katerina.

Lendo sobre os acontecimentos de sua época, Kremnev informou-se de que a unidade mundial do sistema socialista não tinha se mantido por longo tempo e que as forças sociais centrífugas não tinham tardado a quebrar o pacto geral que havia sido estabelecido. Nenhum dogma socialista tinha sido capaz de extirpar da alma germânica a idéia de uma revanche militar, e, pelo fútil pretexto da divisão do carvão da bacia de Sarre, os sindicatos alemães haviam obrigado o próprio presidente Radek a mobilizar os metalúrgicos e os mineiros para ocuparem-na militarmente, até o problema ser resolvido pelo Conselho Mundial das economias nacionais.

A Europa viu-se novamente despedaçada. A construção da unidade mundial fracassou e começou uma nova guerra sangrenta, ao curso da qual o velho Hervé conseguiu realizar na França um golpe de Estado socialista e instaurar uma oligarquia de dirigentes soviéticos. Depois de um derramamento de sangue que durou seis meses, a paz foi instaurada graças aos esforços conjuntos da América e da União Escandinava, mas isso custou ao mundo sua divisão em cinco sistemas fechados de economias nacionais: alemão, anglo-francês, americano-australiano, chino-japonês e russo. Cada sistema recebeu diversos territórios em todas as regiões climáticas e, ainda que mantendo relações culturais, iniciaram uma vida política e econômica baseada em regimes muito diferentes.

Na Anglo-França, a oligarquia dos funcionários soviéticos degenerou rapidamente no regime capitalista; retomando o sistema capitalista, a América desnacionalizou, em certa medida, sua produção, conservando como base a economia estatal da agricultura; a Nipo-China retornou, também rapidamente, ao sistema monarquista, apesar de ter conservado formas peculiares de socialismo na economia; somente a Alemanha manteve tal e qual o regime dos anos vinte.

Enquanto isso, a história da Rússia apresentava o seguinte aspecto: mesmo conservando religiosamente o sistema dos soviets, não chegou a nacionalizar totalmente a agricultura.

Os camponeses, que representavam uma enorme massa social, eram bastante renitentes à nacionalização e, cinco ou seis anos depois do fim da guerra civil, grupos de camponeses começaram a gozar de uma notável influência tanto nos soviets locais como no Comitê Executivo Central Panrusso.

Sua força estava notavelmente reduzida pela política oportunista dos cinco partidos social-revolucionários que mais debilitaram a influência das uniões camponesas puramente classistas.

Durante dez anos nenhuma corrente teve uma maioria estável nos congressos dos soviets e o poder pertencia, sem interrupção, às frações comunistas que, nos momentos críticos, sempre souberam pôr-se de acordo e levar à rua imponentes manifestações das massas trabalhadoras.

Sem dúvida, o conflito que surgiu entre elas motivado pelo decreto sobre a introdução de métodos eugenésicos criou uma situação que desembocou na vitória dos comunistas de direita ao preço da formação de um governo de coalisão e de modificação da constituição através da equiparação do voto dos camponeses ao dos habitantes das cidades. A partir da reeleição dos soviets criou-se um novo congresso dos soviets com uma maioria absoluta de agrupamentos classistas exclusivamente camponeses e, desde 1932, há uma constante maioria camponesa no Comitê Executivo Central Panrusso e nos Congressos. Fortificado por uma lenta evolução, o regime se torna cada vez mais camponês.

Sem dúvida, a ambígua política dos círculos intelectuais social-revolucionários e a estratégia das manifestações e insurreições de rua sacudiram ainda mais as bases da constituição soviética e obrigaram os dirigentes camponeses a manter a coalisão no seio do Conselho dos Comissários do Povo. Para isso contribuíram as múltiplas tentativas de golpes reacionários de estado por parte de alguns elementos urbanos. Em 1934, depois de uma sublevação com o objetivo de instaurar uma oligarquia de intelectuais segundo o modelo francês, sustentado, por motivos táticos, pelos metalúrgicos e têxteis, Mitrofanov organizou pela primeira vez um Conselho classista de

comissários do povo exclusivamente camponês. E fez com que o Congresso dos soviets adotasse o decreto de eliminação das cidades.

A sublevação de Varvarin, em 1937, foi o canto do cisne do papel político das cidades, depois da qual se dissolveram no mar camponês.

Nos anos quarenta, foi aprovado e colocado em prática o plano geral da estrutura agrária.

Instalaram-se os meteoróforos, redes de estações de fluxo magnético que dirigiam os fenômenos atmosféricos segundo os métodos de A. A. Minin. Os anos sessenta foram marcados por violentos tumultos religiosos e pela tentativa da Igreja em apoderar-se do poder civil no distrito de Rostov.

Os olhos de Alexei fechavam-se e seu cérebro recusava-se a assimilar qualquer coisa a mais.

Kremnev apagou a luz e fechou os olhos. Mas os olhos de Katerina continuaram perturbando-o por longo tempo e só conseguiu adormecer muito tarde da noite.

Capítulo nono,

que as jovens leitoras podem pular, mas que se recomenda particularmente aos membros do Partido Comunista.

Os únicos adornos do amplo escritório de Alexei Alexandrovich Minin eram as estantes onde reluzia a douradura opaca das encadernações de couro e alguns ícones de Vladimir-Suzdal.

O retrato de seu pai, célebre professor em Voronezh e depois em Constantinópolis, completava o mobiliário em tons de azul-escuro do escritório.

– É meu dever – começou o hospitaleiro dono da casa – fazê-lo conhecer a natureza do ambiente em que vivemos, pois sem isso você não compreenderia o significado de nossas instalações técnicas, nem as suas possibilidades. Mas para dizer a verdade, Mr. Charlie, não sei bem por onde começar. Você é quase um ressuscitado e me é difícil julgar em que campo de nossa vida encontrou coisas particularmente novas e inesperadas.

– Eu gostaria de conhecer – disse Kremnev – as novas bases sociais sobre as quais foi edificada a vida da Rússia depois da revolução camponesa de 1930. Sem isso, penso que me será difícil compreender todo o resto.

Seu interlocutor não respondeu imediatamente, como que refletindo sobre o que ia dizer.

– Você me pergunta pelos princípios introduzidos na nossa vida social e econômica pelo poder camponês. No fundo, o que precisávamos não eram novos princípios, nossa tarefa consistia na reafirmação de antigos princípios seculares, que estavam na base da economia camponesa.

Nosso objetivo consistia somente em reforçar esses princípios imemoriais, aprofundar o seu valor cultural, transformá-los espiritualmente e dar forma a uma organização técnico-social tal que eles não só pudessem manifestar a excepcional força de resistência passiva que desde sempre lhes foi própria, mas que também tivessem vida ativa, agilidade e, se quiser, força propulsora.

Tanto na base de nosso sistema econômico, como na base da antiga Rússia, está a unidade de produção camponesa individual. Nós a considerávamos, e continuamos a considerá-la, como o tipo mais perfeito de atividade econômica. Nela, o homem não se opõe à natureza; nela, o trabalho se faz no contato criativo com todas as forças do cosmo e cria novas formas de existência. Cada trabalhador é um criador, cada manifestação de sua individualidade é a arte do trabalho.

Inútil dizer que não existe nada mais sadio que o trabalho e a vida no campo, que a vida do agricultor é mais variada e outras coisas óbvias. É esse o estado natural do homem, o qual o demônio do capitalismo alijou.

Sem dúvida, para assegurar o regime de uma nação do século XX tendo como base a unidade de produção camponesa, era indispensável que resolvêssemos dois problemas fundamentais de organização.

Um problema econômico, cuja solução exigia a criação de um sistema de economia nacional apoiado na unidade camponesa, que lhe conferisse o papel diretivo, mas que, ao mesmo tempo, constituísse um aparato econômico nacional que, em seu funcionamento, não fosse tecnicamente inferior a nenhum outro aparato imaginável. E que se mantivesse automaticamente, sem apelo à coação administrativa não-econômica.

Depois, um problema social ou, até mesmo, cultural, ou seja, o problema da organização social da existência de amplas massas populares em formas tais que permitiriam a conservação, apesar do habitat rural, das formas mais elevadas da vida social, que foram, por longo tempo, monopólio da cultura urbana, e que fosse possível, em todos os campos da vida do espírito, um progresso cultural ao menos tão bom quanto em qualquer outro regime.

Nessas circunstâncias, Mr. Charlie, não só devemos resolver ambos os problemas, como também refletirmos seriamente sobre os meios para solucioná-los. Para nós, era importante não só o que queríamos conseguir, mas também como poderíamos alcançar esse objetivo.

A época do coletivismo de estado, quando os ideólogos da classe operária realizavam sobre a terra seus ideais com os métodos do absolutismo iluminista, conduziu a sociedade russa a um estado de reação anarquista tal que era impossível instaurar qualquer novo regime com uma lei ou um decreto sancionado pela força das baionetas.

E, no entanto, a idéia de qualquer monopólio no campo da criação social era estranha ao espírito de nossos ideólogos.

Por não serem partidários de uma concepção de mundo, de um pensamento e de uma ação do tipo monístico, a maior parte de nossos dirigentes tinha uma mente capaz de adotar uma visão de mundo pluralista e, por isso, opinava que a vida encontrava sua justificativa somente quando podia manifestar plenamente todas as suas possibilidades e desenvolver todas as sementes nelas contidas.

Em poucas palavras, devemos resolver os problemas existentes de modo a oferecer a cada projeto, a cada esforço criativo, a possibilidade de competir conosco. Nossa ambição era conquistar o mundo com a força interior de nossa idéia organizativa, e não batendo em quem pensava de outra maneira.

Além disso, sempre foi nossa opinião que o Estado e seu aparato não eram, com efeito, a única expressão da vida da sociedade. É por isso que, na parte principal de nossa reforma, confiamos nos métodos sociais de solução dos problemas propostos, e não em procedimentos de coação estatal.

Por outro lado, nunca aderimos obtusamente a princípios, e, quando nossa causa se achava ameaçada por forças externas e os fatos nos obrigavam a pensar que tínhamos em mãos poder político, nossas metralhadoras não funcionavam pior que a dos bolcheviques.

Dos dois problemas que assinaliei, o econômico não nos apresentava dificuldades particulares.

Você sabe, por certo, que durante o período socialista de nossa história, a unidade de produção camponesa era considerada como algo inferior, uma espécie de protomatéria a partir da qual haveriam de cristalizar-se as formas superiores da grande fazenda coletiva. É tirada daí a velha concepção das fábricas de pão e carne. Agora, está claro para nós que esse ponto de vista tinha uma origem mais genética do que lógica. O socialismo foi concebido como a antítese do capitalismo. Nasceu naquela câmara de torturas que era a fábrica capitalista alemã e foi levado à maturidade pela psicologia do proletariado urbano extenuado pelo trabalho forçado de gerações que haviam esquecido todo o trabalho e todo o pensamento criativo individual. Só podiam conceber o regime ideal como negação do regime vigente.

O operário, sendo um mercenário, inseriu, quando construiu sua ideologia, o mercenarismo no

credo do regime futuro e criou um sistema econômico no qual todos eram executores e só alguns indivíduos gozavam do direito de criar.

Mas desculpe-me, Mr. Charlie, afastei-me um pouco de meu objetivo. Resumindo, os socialistas consideravam os camponeses como uma protomateria, pois só possuíam experiência econômica dentro dos limites da indústria manufatureira e só eram capazes de pensar a partir dos conceitos e das formas de sua experiência orgânica.

Para nós, em troca, estava claríssimo que, do ponto de vista social, o capitalismo industrial não era outra coisa que um ataque monstruoso de uma doença que havia contagiado a indústria manufatureira como consequência das peculiaridades de sua natureza, e não constituía, com efeito, um freio para o desenvolvimento de toda a economia nacional.

Graças à natureza profundamente sadia da agricultura, esta evitou o cálice amargo do capitalismo e não tivemos necessidade de conduzir seu desenvolvimento naquela via. O ideal coletivista dos socialistas alemães deixava às massas de trabalhadores a tarefa de converter-se em executores das prescrições políticas no trabalho econômico. E, do ponto de vista social, nos parecia que eram sumamente distantes da perfeição em comparação com a agricultura de lavoura, na qual o trabalho não está separado da criação de formas organizativas, onde a livre iniciativa pessoal permite a cada ser humano manifestar todas as possibilidades de seu desenvolvimento espiritual, deixando-lhe, ao mesmo tempo, a possibilidade de utilizar, em caso de necessidade, toda a potência da grande economia coletiva, assim como a das organizações sociais e estatais.

Desde o começo do século XX, os camponeses coletivizaram e elevaram ao ranque de grande empresa cooperativa todos os ramos de sua produção. As grandes fazendas econômicas eram mais produtivas que as pequenas e, em sua forma atual, é o organismo mais estável e mais perfeito do ponto de vista técnico.

Essa é a base de nossa economia nacional. Foi árduo organizar a indústria manufatureira. Na realidade, teria sido uma ingenuidade contar, nesse campo, com o renascimento da produção familiar.

Levando em conta o atual nível técnico das fábricas, o artesanato e os pequenos ofícios estão excluídos da maior parte dos ramos da produção. Da mesma maneira, também aqui o espírito de iniciativa camponesa nos tirou de apuros. A cooperação camponesa, que se beneficiava de um volume de vendas garantido e muito amplo, sufocou o nascimento de toda possibilidade de concorrência para a maioria dos produtos.

Para dizer a verdade, nós lhes demos a mão, minando visceralmente as fábricas capitalistas com consideráveis impostos, que não eram aplicados à produção das cooperativas.

Com certeza, entre nós ainda existe a iniciativa privada do tipo capitalista: nos setores onde as empresas de gestão coletiva são impotentes e nos casos em que o gênio organizativo venceu nossos impostos draconianos graças ao seu nível técnico. Nem sequer tentamos liquidar essas iniciativas, pois consideramos necessário conservar para os companheiros cooperativistas uma certa ameaça de competência permanente e preservá-los assim do estancamento técnico. Sabemos que também os capitalistas de hoje têm dentes de tubarão, mas já é velho o provérbio que diz: o tubarão está no mar para que os pequenos peixes não durmam.

Sem dúvida, esse capitalismo residual é leve, como também o é a indústria cooperativa, mas é recalcitrante. Mas a nossa legislação trabalhista protege o operário da exploração muito melhor do que o fizeram as leis da ditadura operária, sob as quais uma enorme parte da mais-valia era apropriada pela burocracia das direções gerais e dos ministérios.

Ademais, desnacionalizamos todas as fazendas econômicas, mas deixamos ao Estado o monopólio dos bosques, do petróleo e do carvão; dispendo de todas as fontes de combustíveis, dirigimos toda a indústria manufatureira.

Se a isso acrescentarmos que a circulação de mercadorias está, em grande parte, nas mãos dos cooperativistas e que o sistema das finanças públicas baseia-se na taxaço sobre o lucro das empresas que utilizam o trabalho assalariado e nos impostos indiretos, vocẽ terã um esquema bastante claro de nossa economia nacional.

– Desculpe-me – interrompeu Kremnev – terei ouvido bem? Vocẽ teria dito que as finanças públicas se baseiam na taxaço indireta?

– Exatamente – respondeu sorrindo Alexei Alexandrovich. Um método tão atrasado o surpreende e parece contraditório em comparaço com os sistemas americanos de impostos progressivos sobre o lucro. Porém, esteja certo de que nossos impostos indiretos mostram-se progressivamente incorporados aos lucros como o sã os de vocês. Conhecemos suficientemente a composiço e o mecanismo do consumo de qualquer estrato de nossa sociedade para estabelecer impostos que, sobretudo, não incidam sobre as mercadorias de primeira necessidade, mas sobre aquelas que servem como elemento de riqueza. Além disso, aqui não existe uma grande diferença entre os lucros médios. A taxaço indireta também tem a vantagem de não fazer o contribuinte perder um minuto de seu tempo. De maneira geral, o nosso sistema estatal está construído de tal modo que se pode viver por anos no distrito, digamos, de Volojolamsk, sem lembrar nenhuma só vez que existe um Estado enquanto poder coercitivo.

Isso não significa que temos uma organizaço estatal débil. Simplesmente nos atemos a métodos de trabalho estatal que evitam asfixiar os nossos concidadãos.

No passado, presumia-se ingenuamente que era possível dirigir a economia nacional somente ordenando, submetendo, nacionalizando, proibindo, prescrevendo, dando ordens. Em poucas palavras, fazendo com que o plano da vida econômica nacional fosse executado por pessoas sem vontade própria.

Sempre pensamos, e agora nossos 40 anos de experiência nos demonstram, que esses acessórios pagãos, onerosos tanto para os governantes como para os governados, sã tão necessários quanto os raios de Júpiter para a manutenço da moral atual. Abolimos os métodos desse tipo, assim como no seu tempo foram abandonadas as catapultas, os aríetes, o telégrafo ótico e as muralhas do Kremlin.

Possuimos meios de influência indireta muito mais precisos e eficazes e sempre sabemos colocar qualquer ramo da economia nacional em condiço de existência tais que corresponda a nossos objetivos.

Mais tarde, sobre uma série de casos concretos, tratarei de demonstrar a força de nosso poder econômico.

Porém agora, para concluir a minha exposiço sobre a economia nacional, permita-me atrair sua atenço sobre dois problemas organizacionais particularmente importantes para se compreender nosso sistema.

O primeiro é o da estimulaço da vida econômica nacional. Se vocẽ lembrar a época do coletivismo de estado e a diminuiço das forças produtivas da economia nacional que o caracterizou a se examinar as bases desse fenômeno, compreenderã que as causas principais não estavam no mesmo plano da economia nacional.

É necessário fazer justiça ao engenhoso espírito de organizaço de J. Larin e V. Miliutin: seus projetos foram otimamente concebidos e minuciosamente elaborados. Mas não basta elaborar, é necessário também realizar. A política econômica é, antes de mais nada, a arte de cumprir, e não de redigir planos.

Não basta projetar uma máquina, também é necessário encontrar o material adequado para construí-la assim como a energia que a fará funcionar. Não se constrói uma Torre Eiffel com palhas, e os braços de dois operários não colocarão em movimento uma rotativa.

Se examinarmos o mundo pré-socialista, veremos que sua complexa máquina estava movida pela energia da cobiça humana e da fome. Era de interesse pessoal de cada componente, desde o banqueiro até o último operário, promover uma atividade econômica intensa e esse interesse estimulava seu trabalho. A máquina econômica tinha em cada um dos seus membros um motor que a acionava.

O sistema comunista deu a todos aqueles que participavam da vida econômica um pagamento por função e assim cortou toda espécie de estímulo ao trabalho. O trabalho como era feito continuava naturalmente subsistindo, mas a tensão do trabalho estava ausente, porque faltava a base. A ausência de estímulos se manifestava não só com os executores, mas também com os organizadores da produção, pois, como todos os funcionários, estavam interessados na perfeição da função econômica em si, na precisão e na limpeza do aparato econômico e nada no resultado do dito trabalho. Para eles, o efeito produzido pela atividade era mais importante que seus resultados materiais.

Tomando em mãos a organização da vida econômica, ajustamos imediatamente todos os motores que estimulam a atividade econômica privada: salário taxado, percentagem aos organizadores e preços-prêmio para os produtos da economia camponesa onde era necessário incrementar a produção, como o caso das amoras, no norte.

Ao reinstaurar os estímulos da economia privada, naturalmente deveríamos reorganizar a desigual distribuição da renda nacional.

Nesse campo, já se havia realizado a parte do leão mediante a aprovação pelos comitês cooperativos das três quartas partes da vida econômica nacional no campo da indústria e do comércio, porém subsiste o problema da democratização da renda nacional.

Estamos empenhados, em primeiro lugar, em debilitar a parte que deriva da renda indiretamente saída do trabalho. Nesse setor, as principais medidas foram os choques sobre o crédito imobiliário, a supressão das sociedades acionárias e da mediação do crédito privado.

Estou utilizando a velha terminologia econômica, Mr. Charlie, para que você compreenda do que se trata, pois ela continua em vigor em seu país, ao passo que aqui... não sei, na verdade, se os jovens de hoje a conheceriam. Essa foi a nossa solução para o problema econômico.

Para nós, foi muito mais complexo e difícil o problema social, ou seja, manter a desenvolver a cultura paralelamente à supressão das cidades e da renda.

Mas já estou ouvindo a campainha do desjejum – interrompeu seu relato o interlocutor de Alexei, ao ver Katerina, que tocava, com visível alegria e determinação, o sino suspenso no centro do amplo pátio.

Capítulo décimo,

no qual se descreve a feira de Belaia Kolp e se manifesta o pleno acordo do autor com Anatole France sobre que uma narração sem amor é como toucinho sem mostarda.

Pelo *Livro dos gastos do patriarcado*, chegado até nós, sabemos que, em princípios de 1700, era servido cotidianamente à mesa do santíssimo patriarca Adriano “pão, lúcio à escabeche suave, sopa de couve com barriga de peixe, peixe com rabanete, filé de esturjão real, pastel de vitela e mais, pelo menos, outros 20 quitutes em quantidades assombrosas e de fina qualidade”. Comparando essa comida dos tempos passados com o utópico festim da acolhedora casa dos Minin, será necessário reconhecer que a mesa do patriarca era um pouquinho mais abundante, mas só um pouquinho. Pois,

obedecendo às ordens de Paraskeva, vinda de Moscou, apareceu sobre a mesa grande quantidade de pasteizinhos e empadas de pescado, de peixes ao forno e peixes ao creme azedo e outros quitutes, que, se as pessoas fossem mais delicadas, certamente teriam comido de joelhos. O militante socialista Kremnev concluiu simplesmente que todos os comensais morreriam pelos excessos. As especialidades nacionais preparadas para que o americano as conhecesse desapareciam rapidamente sem deixar rastros e davam lugar a elogios cada vez maiores a Paraskeva, que pedia modestamente para que fossem dirigidos à Cozinha russa, redigida, em 1918, pelo senhor Levshin.

Após a refeição, e depois de ter descansado sobre a palha, segundo o costume ortodoxo, os jovens levaram Kremnev à feira de Belaia Kolp.

Enquanto Kremnev e seus companheiros caminhavam às margens do Lama, sombras de nuvens se estendiam sobre o prado ceifado. As sorveiras em flor formavam manchas amarelas ao longo do caminho e no ar denso do outono flutuavam teias de aranhas.

Katerina caminhava ereta, e sua silhueta desenhada por um golpe de vento recortava-se contra o horizonte anilado que se estendia na margem oposta do rio. Meg e Natasha colhiam flores. Sentia-se o cheiro outonal do absinto.

– Ei! Olhe aqui a estrada!

Seguiram o grande caminho bordado por castanheiras e, a distância, apareceram as cúpulas da igreja de Belaia Kolp.

Os transeuntes eram ultrapassados por carros enfeitados como chafarizes, cheios de moços e moças que quebravam nozes. Sobre a estrada ressoavam sonoras cantigas:

O pombinho está sobre a casa,

O pombinho querem matar,

Aconselhem-me vocês, amigas,

A qual dos três amar.

Kremnev surpreendeu-se pela ausência quase total de diferenças entre seus companheiros e os que cruzavam com eles ou os passavam. Os mesmos vestidos, o mesmo sotaque e a mesma terminologia moscovita. Com manifesta alegria e prazer, Paraskeva respondia com gracejos às amabilidades dos jovencinhos que passavam nas caleças, enquanto que Katerina brincou diretamente sobre um dos carros, beijou todas as moças que ali estavam sentadas e tirou de um espantado rapaz um gorro cheio de nozes, colocando-lhe na boca um pedaço de banana.

A feira estava em pleno andamento.

Nos postos, viam-se pilhas de pão com pimenta de Tula, tostados e com fruta cristalizada, pão de menta temperado com pimenta de Tver em forma de peixe e de soldadinhos, e suaves e multicoloridas gelatinas de frutas de Kolomna.

Os séculos transcorridos não haviam mudado em nada os doces camponeses e somente um olho atento podia notar uma discreta quantidade de brilhantes abacaxis, de bananas e uma extraordinária abundância de ótimo chocolate.

Como nos velhos tempos, meninos assopravam em canudos de argila dourada, como se fazia na época de Ivan Vasilevich e de Novgorod, a Grande. Uma harmônica dupla tocava uma polca vivaz.

Em resumo, tudo se passava no melhor dos mundos.

Katerina, a quem fora confiada a tarefa de instruir Mr. Charlie, o conduziu até um grande toldo branco e como único comentário disse:

– Olhe aqui!

No interior da tenda, estavam quadros de escolas antigas e contemporâneas. Kremnev reconheceu com alegria velhos conhecidos: Venetsianov, Jonchalovski, o São Jerônimo de Ribnicov, o Profeta

Elias da escola de Novgorod, da coleção de Ostrujov e centenas de novos quadros e esculturas desconhecidas, que lhe fizeram imediatamente lembrar de sua conversa de véspera com Paraskeva. Deteve-se diante do Cristo adolescente, de Giampetrino, que o cativara no Museu Rumiancev e perguntou, com o risco de trair sua incógnita:

– Como essas obras puderam chegar à feira de Belaia Kolp?

Paraskeva apressou-se a explicar-lhe que aquele barracão era uma exposição ambulante do Museu de Volojolamsk, no qual estavam temporariamente alguns quadros de Moscou.

A densa multidão de visitantes que olhava com atenção e trocava observações testemunhava, aos olhos de Kremnev, que as artes figurativas se haviam introjetado estavelmente nos costumes camponeses e encontravam boa acolhida. Convenceu-se disso ao ver com que ardor era adquirida, junto com a entrada, a 132ª edição do livro de P. Muratov, História da pintura em cem páginas, e o livrinho De Rojotov a Ladonov, cuja capa Kremnev leu, comprovando que Paraskeva não sabia somente falar de pintura, mas também escrever livros.

Alguns camponeses se amontoavam em uma barraca próxima, ao redor de antigos bordados russos, enquanto mocinhas estudavam um pequeno armário de Boule.

Pouco depois, a exposição começou a esvaziar-se; o rumor das vozes e o repicar de um sino anunciaram o começo dos jogos rítmicos que seriam seguidos por um torneio de jogos de tava, por uma corrida de obstáculos e por outras competições, na disputa do prêmio da comuna de Iaropolec. Enormes cartazes azuis anunciavam para as sete horas o Hamlet do senhor Shakespeare na interpretação da União Cooperativa local.

Mas era necessário apressarem o regresso, e deveriam passar, ainda, pelo colmeal para abastecerem-se de mel. Por isso, abandonando os festejos, o grupo só teve tempo de dar uma volta pela exposição de figuras de cera realizada pela seção cultural e educacional da União Camponesa da província.

Bustos de cera – retratos de todos os personagens históricos – estavam colocados nas paredes, diversos murais traziam ao conhecimento dos visitantes os acontecimentos mais importantes da história nacional e mundial, assim como paisagens de exóticos países tropicais.

Manequins articulados representavam Júlio César diante de Rubicão, Napoleão sobre os muros do Kremlin, a abdicação de Nicolau II e sua morte, Lênin pronunciando um discurso no Congresso dos soviets, Sedov dominando a insurreição das datilógrafas, o baixo Chaliapin e o baixo Gaganov cantando.

– Olhe! Parece seu retrato! – exclamou Katerina.

Kremnev petrificou: diante dele, numa redoma sobre um fundo de tela, havia um busto que parecia uma fotografia, com os seguintes dizeres: “Alexei Vasilevich Kremnev, membro do colégio do Conselho Mundial das economias nacionais, opressor do movimento camponês russo. Segundo os médicos, devia sofrer de mania de perseguição. A degeneração está claramente expressa na assimetria do rosto e na conformação do crânio”.

– Essa é boa! A semelhança é extraordinária e até a bolsa é como a sua, Mr. Charlie – exclamou Nikifor Alexevich.

Todos ficaram perturbados e saíram silenciosamente da barraca das figuras de cera.

Era necessário apressar-se, mas Katerina levou Kremnev às colmeias para comer mel por uma trilha que atravessava hortas de couve. Firmes, quase azuis, as bolas de couve marcavam com suas manchas vivas o negro da terra. Duas robustas mulheres, vestidas de branco com estampas rosas, cortavam as mais maduras e as jogavam em um carrinho de duas rodas.

Pela primeira vez desde o começo de sua viagem à utopia, Alexei, perturbado pela visão de sua imagem em cera, sentia clara e profundamente quão grave e sem saída era sua situação.

O pecado original de seu usurpado nascimento lhe atava os pés e as mãos e seu verdadeiro nome era provavelmente uma marca de infâmia no reino da utopia camponesa.

Mas esse mundo que o rodeava, com suas hortas de couves, seus horizontes anilados e suas sorveiras de flores vermelhas, já não lhe era estranho.

Sentia por ele uma adesão nova e preciosa, uma afinidade ainda maior do que com o mundo socialista que havia abandonado, e a causa dessa afinidade – Katerina com as bochechas avermelhadas pelo andar rápido – caminhava próxima a si, fascinada, aproximando-se imperceptivelmente.

Diminuíram o passo para passar ao largo do declive do areal abandonado. Alexei roçou sua mão na dela e seus dedos se uniram.

Sobre a terra arada e pretíssima se levantavam as linhas regulares das macieiras com os ramos retorcidos, como em uma antiga estampa japonesa, sobrecarregados de frutas.

As grandes maçãs, vermelhas e perfumadas, e os troncos embranquecidos com cal saturavam o ar com o cheiro de fecundidade. Parecia que esse cheiro exalava pelos poros do colo e dos braços nus de sua vizinha. Assim começou o seu amor utópico.

Capítulo décimo primeiro, muito parecido com o nono.

Quando Kremnev e sua companheira chegaram em casa, já fazia tempo que eram esperados para a ceia.

A acolhida foi fria e todos sentaram-se à mesa em silêncio. Sentia-se uma espécie de inquietação na casa. Falava-se dos ameaçadores sucessos da Alemanha, da pretensão do Conselho Alemão dos Comissários do Povo em reexaminar a fronteira galitziana. Para Kremnev pareceu que nem só ele mas também Katerina sentia-se culpada de algo indefinido.

Percebeu também certa rispidez na atitude de Alexei Alexandrovich quando, à noite, entrou em seu escritório para continuar a conversa iniciada pela manhã.

– Em nossa conversa desta manhã – começou o encanecido patriarca – omiti a menção de outra peculiaridade de nosso regime econômico. De acordo com nossas aspirações de democratização da renda nacional, naturalmente temos pulverizado os recursos de que dispúnhamos e, também naturalmente, colocamos obstáculos para a formação de grandes fortunas.

Em que pesem todas as vantagens desse fenômeno, ele tinha seus inconvenientes. Em primeiro lugar, tornava vagarosa a acumulação dos capitais. O produto nacional pulverizado era quase totalmente consumido e a força de formação de capitais em nossa sociedade, sobretudo depois da supressão da mediação do crédito privado, foi obviamente insignificante.

Por isso, foi necessário realizarem-se esforços consideráveis para que as cooperativas camponesas e alguns órgãos governamentais tomassem sérias medidas para criar capitais sociais especiais e acelerar a formação de capitais. O generoso financiamento que se concede a qualquer inventor ou empresário que trabalhe em novos ramos da vida econômica é parte desse pacote de iniciativas.

Outra conseqüência da democratização da renda nacional foi a sensível debilitação do mecenato e a redução do número de pessoas inativas, ou seja, dos dois grandes estratos que nutriam em grande parte a arte e a filosofia.

Mas também aqui o espírito de iniciativa camponês, incentivado um pouco, confesso, pela administração central, soube solucionar o problema.

Para que floresçam as artes, é preciso que a sociedade dispense uma atenção particular a uma demanda ativa e generosa sobre seus produtos. Essas duas condições já existem: hoje você viu em Belaia Kolp uma exposição de pintura e a atitude do público; é indispensável acrescentar que a atual arquitetura rural calcula os pedidos de afrescos por centenas quando não por milhares de sazhen quadradas. É possível encontrar estupendos exemplos de pintura nas escolas e nas casas do povo de qualquer comuna. Existe uma importante demanda privada.

Mas sabe, Mr. Charlie, que aqui a demanda não se refere só à obra dos artistas, mas também aos artistas em pessoa? Conheço mais de um caso em que esta ou aquela comuna ou distrito realizou um contrato plurianual (investindo somas consideráveis) com um artista, um poeta, um cientista, só para que escolhesse seu território como domicílio. Admita que isso lembra os Médici e os Gonzaga do tempo do Renascimento italiano.

Além disso, subsidiamos intensamente a Confraria dos Santos Floro e Lauro, o Isógrafo de Olimpo e não poucas outras organizações cujo funcionamento, acredito, você já conhece.

Como vê, falando do problema econômico, abordamos, sem nos darmos conta, o social, mais difícil e complexo para nós.

Nossa tarefa consistia em resolver o problema do indivíduo e da sociedade. Era necessário edificar uma sociedade humana tal que a pessoa não sentisse qualquer obrigação, enquanto a sociedade, por meios invisíveis para o indivíduo, se convertesse em guardiã do interesse geral.

O fato é que nunca consideramos nossa sociedade como um ídolo nem nosso Estado como fetiche.

Nosso critério final sempre tem sido aprofundar o conteúdo da vida, a plenitude da personalidade humana. O resto era só um meio. Entre esses meios, opinamos que os mais potentes e indispensáveis são a sociedade e o Estado, sem nunca esquecer que são só meios.

Somos particularmente prudentes no que se refere ao Estado, que só utilizamos quando a necessidade exige. A experiência política de muitos séculos nos ensina que a natureza humana permanece quase sempre natureza humana, que a delicadeza dos costumes cria-se com a velocidade dos processos geológicos. As naturezas fortes, dotadas da ambição de poder, sempre aspiram criar para si uma vida rica e plenamente integral em detrimento da vida alheia. Compreendemos perfeitamente que as vidas de Heródoto, de Ática, de Marco Aurélio e de Vasilich Golicyn dificilmente teriam sido menos ricas em conteúdo e profundidade que a dos melhores contemporâneos. Toda a diferença está calcada no fato de que naquela época tinham acesso a tal vida somente alguns poucos indivíduos, ao passo que agora são centenas de milhares e, no futuro, espero, serão milhões. O progresso social consiste, precisamente, na ampliação do número de pessoas que se nutrem nas fontes originais da cultura e da vida. O néctar e a ambrosia já não são só alimentos dos deuses do Olimpo, mas estão atualmente na mesa do simples camponês.

A sociedade se encaminha inexoravelmente, nos dois últimos séculos, em direção a um progresso similar e tem, obviamente, o direito de defender-se. Quando naturezas fortes, ou até grupos inteiros de naturezas fortes, põem obstáculos a esse progresso, a sociedade pode defender-se; e, desse ponto de vista, o Estado é um instrumento que tem dado provas de eficiência.

Além disso, não é um mau instrumento a toda uma série de necessidades técnicas.

Você pergunta como o Estado está organizado? Como sabe, o desenvolvimento das formas estatais não segue caminhos lógicos, mas históricos. Isso também explica, em parte, muitas das nossas instituições. Você sabe que o nosso é um regime soviético, o regime dos soviets camponeses. De um lado, é a herança do período socialista de nossa história; de outro, contém vários elementos preciosos. É preciso notar que existiam as bases desse regime no ambiente camponês, no sistema de gestão das organizações cooperativas. E isso muito antes de outubro de 1917.

Os princípios fundamentais desse sistema são, por certo, seus conhecidos e não me deterei neles.

Direi somente que apreciamos aí a idéia da responsabilidade direta de todos os órgãos de poder

perante as massas e instituições a cujo serviço se encontram. A essa regra só estão subtraídos a justiça, o controle estatal e algumas administrações dos meios de comunicação, que são geridos pelo poder central.

Não menos preciosa a nossos olhos é a divisão do poder legislativo que permite que as questões de princípio sejam decididas pelo Congresso dos soviets depois de sua discussão local – repito: discussão – pois a lei proíbe aos delegados ter mandatos imperativos. A técnica legislativa em si é transferida ao Comitê Central executivo e, em uma série de casos, ao Conselho de Comissários do povo.

Um método similar de governo permite às massas populares participarem da melhor maneira no trabalho estatal e assegura ao mesmo tempo a flexibilidade do aparato legislativo.

Por outro lado, não somos ortodoxos na aplicação prática de todos esses princípios e admitimos um bom grau de variantes locais: por exemplo, na região de Lakutia, temos o regime parlamentarista, ao passo que, em Uglich, os partidários da monarquia deram-se um príncipe independente, cujo poder está limitado, é certo, pelo soviete local dos deputados; o território mongol-altaico está administrado por um general governador nomeado pelo poder central.

– Perdoe-me – interrompeu Kremnev. – Os Congressos dos soviets, o Comitê Executivo Central e os soviets locais dos deputados não são outra coisa que a sanção do poder. Onde se apóia o próprio poder material?

– Oh, queridíssimo Mr. Charlie, nossos concidadãos quase esqueceram essas preocupações, pois despojamos quase totalmente o Estado de todas as funções sociais e econômicas. O cidadão médio não entra praticamente nunca em contato com ele.

Consideramos o Estado como uma forma antiquada de organização da vida social, e nove décimos de nosso trabalho se fazem segundo métodos sociais, que são precisamente uma das características de nosso regime: diversas associações, cooperativas, congressos, alianças, jornais, outros órgãos de opinião pública, academias e, por fim, círculos. Esse é o tecido social que compõe a vida de nosso povo enquanto tal.

E é justamente aqui, em sua organização, que encontramos problemas extraordinariamente complexos.

Lamentavelmente, a natureza humana tende à simplificação. Abandonada a si mesma, sem contratos sociais nem estímulos psíquicos externos, desenvolve-se gradualmente e dissipa seu conteúdo. O homem abandonado na floresta torna-se selvagem e sua alma empobrece.

Por isso, é absolutamente natural que tenhamos temido seriamente, depois de haver reduzido a pedaços as cidades que, por muitos séculos, haviam sido as fontes de cultura, que nossa população camponesa, dispersa entre bosques e campos, embrutecesse pouco a pouco, perdesse sua cultura, como já a havia perdido durante o período pedroburguês de nossa história.

Para lutar contra esse embrutecimento, foi necessário pensar numa drenagem social.

Inspiravam-nos preocupações ainda maiores, como o problema do desenvolvimento posterior da cultura, daquela criatividade da qual éramos devedores a essa mesma cidade.

Perseguia-nos um pensamento obsessivo... Era possível a existência de formas superiores de cultura no habitat rural disperso?

A época da cultura dos proprietários territoriais dos anos 20 do século passado, que viu nascer os decabristas e deu um Pushkin à humanidade, nos dizia que tudo isso era materialmente possível.

Só restava encontrar meios técnicos bastante potentes para fazê-lo.

Dirigimos todos os nossos esforços para a criação de meios de comunicação ideais, encontramos maneiras para obrigar a população a utilizá-los, mesmo que fosse só para transportar-se ao centro local, e reunimos nesses centros todos os elementos de cultura de que dispúnhamos: o teatro distrital

e comunal, o museu distrital e todas as suas filiais comunais, as universidades populares, o esporte em todos os seus aspectos e formas, os corais, tudo, até mesmo a igreja e a política, foi concentrado na aldeia para incrementar sua cultura.

O risco era grande, mas, durante vários decênios, mantivemos a campanha em tensão psíquica. Uma aliança especial para organização da opinião pública criou dezenas de comitês para suscitar e sustentar a energia social das massas, e, confesso, no campo legislativo foram devidamente elaborados projetos de leis que ameaçavam os interesses dos camponeses para estimular deliberadamente sua consciência social.

Não obstante, o que teve, quem sabe, maior importância no estabelecimento de contatos entre os nossos concidadãos e as fontes primárias da cultura foram a lei sobre a viagem obrigatória para rapazes e moças e a obrigação de se cumprir dois anos de serviço de recrutamento profissional.

Se bem que a idéia das viagens, tomada das corporações medievais, colocasse o jovem em contato com o mundo inteiro e ampliasse seu horizonte, durante o serviço de recrutamento ele estava submetido a uma formação mais intensa. Posso dizer conscientemente que não damos a esse recrutamento quase nenhum significado estratégico. No caso de ataque estrangeiro, temos meios de defesa mais potentes que todos os canhões e fuzis juntos, e se os alemães puserem em prática suas ameaças, ficarão convencidos disso.

Mas a função pedagógica do serviço de recrutamento profissional, que habitua a uma disciplina moral, é imensa. O desporte, a educação física e a dança rítmica, o trabalho na fábrica, as marchas, as manobras, os trabalhos no campo, tudo isso reforça os nossos concidadãos, e, na realidade, um militarismo desse tipo redime todos os pecados do militarismo antigo.

Fica faltando o desenvolvimento da cultura, e já falamos alguma coisa do que se fez nesse campo. A idéia principal, que nos tem facilitado a solução do problema, tem sido a seleção artificial dos talentos e a assistência à sua organização.

As épocas passadas não tinham conhecimento científico da vida humana, nem sequer procuravam construir uma teoria de seu crescimento normal e de sua patologia. As doenças não eram colocadas nas biografias das pessoas e não se tinha idéia do diagnóstico e da terapia das vidas malogradas.

Freqüentemente, as pessoas com fracas reservas potenciais de energia consumiam-se como velas e pereciam pelo peso das circunstâncias. Os indivíduos dotados de uma força colossal não utilizavam sequer uma décima parte de sua energia. Hoje, conhecemos a morfologia e a dinâmica da vida humana, sabemos como desenvolver todas as suas forças virtuais. Potentes associações especiais, com numerosos membros, mantêm em observação milhares de pessoas e é certo que atualmente nenhum talento corre o risco de perder-se, nenhuma faculdade humana cairá no esquecimento.

Kremnev levantou-se transtornado:

– Mas é espantoso! É uma tirania pior que todas as tiranias! Suas associações, que ressuscitam os antropósofos alemães e os maçons franceses, equivalem a qualquer terror político estatal. É certo que você não tem necessidade de um Estado desde o momento em que todo o seu regime não é outra coisa que a oligarquia refinada de duas dezenas de inteligentíssimos ambiciosos!

– Não se zangue, Mr. Charlie. Antes de mais nada, nenhuma individualidade forte sentirá sequer um leve indício de nossa tirania e, em segundo lugar, você poderia ter tido razão há 30 anos: então, nosso regime era uma oligarquia de entusiastas plenos de talento. Hoje, podemos dizer: Agora deixa ir em paz teu servo. As massas camponesas conseguiram uma participação ativa na definição da opinião pública do país, e, se espiritualmente detemos o poder, é só porque Und der Kaiser obsolut, wenn er unsere Wille tut, como dizem os alemães.

Faça com que a mais forte das organizações contrarie a opinião daqueles que vivem e pensam nas isbás de Iaropolec, de Murinov e de mil outras localidades e, imediatamente, perderá sua influência e seu poder espiritual.

Creia-me, quando a cultura de um povo alcança um nível tão elevado, ela se mantém automaticamente e adquire estabilidade interna. Nosso dever consiste em encontrar a maneira para que cada comuna viva sua própria vida cultural criativa, que a vida do distrito Jorchevski não se distinga qualitativamente da de Moscou e, alcançado esse objetivo, nós, entusiastas do renascimento da aldeia, discípulos do grande profeta A. Evdokimov, podemos descer tranqüilamente ao túmulo.

Os olhos do velho brilhavam com fogo juvenil; diante de Kremnev, estava um fanático.

Kremnev levantou-se e dirigiu-se a Minin com manifesta irritação:

– Bem, você fala da livre pessoa humana, do Estado inteiro, do dever, da sociedade, de seus meios. E então, segundo você, um critério social para a auto-avaliação dos próprios atos, por seus cidadãos, é indispensável ou é supérfluo?

– Do ponto de vista da comodidade da direção do Estado e como fenômeno de massas, é desejável; do ponto de vista ético, não é obrigatório.

– E você afirmaria isso abertamente?

– Mas, queridíssimo, tente compreender – ardeu o velho – que, entre nós, o roubo não existe, não porque cada um tenha consciência de que é mau roubar, mas porque, na cabeça de nossos concidadãos, nem sequer pode ser concebido o pensamento do roubo. Para nós, se prefere assim, uma ética consciente é imoral.

– Bem, mas vocês, que são conscientes de tudo isso, vocês, no cume da vida espiritual e da sociedade, quem são? Oráculos ou fanáticos do dever? Que ideais estimularam o trabalho de criação desse éden camponês?

– Desgraçado! – exclamou Alexei Alexandrovich erguendo-se em toda sua estatura. – O que estimula o nosso trabalho e o de milhares de nossos semelhantes? Pergunte a Skriabin o que o estimulou na composição de Prometeu, o que impulsionou Rembrandt a criar suas visões fantásticas! A chispa do fogo de Prometeu da criação, Mr. Charlie! Quer saber quem somos, oráculos ou fanáticos do dever? Nenhuma coisa nem outra, somos homens de arte.

Capítulo décimo segundo,

que descreve os notáveis melhoramentos dos museus e das diversões moscovitas, interrompidos por um desagradável e imprevisto evento.

Na manhã seguinte, Kremnev teve a sensação de que os habitantes de Belaia Kolp o tratavam mais friamente. Alexei Alexandrovich parecia dar-lhe de má vontade as explicações referentes à implantação do sistema dos meteoróforos.

Segundo suas palavras, o vínculo entre este ou aquele estrato da atmosfera e a intensidade das linhas de força magnética era conhecido desde 1800. O caminho dos ciclones e dos anticiclones sempre teve uma representação magnética. O que não estava bem claro era o determinante dessa conexão: era o tempo que determinava o estado do campo magnético ou o campo magnético que determinava o tempo? A análise confirmou a segunda hipótese, e a construção de uma rede de 4.500 centrais de fluxo magnético permitiu dominar, quase totalmente, o estado do campo magnético e, como consequência, do tempo. Minin passou a descrever o meteoróforo, mas, notando a pouca familiaridade de Alexei com as leis matemáticas, interrompeu bruscamente suas explicações...

Durante o desjejum, Kremnev tomou consciência do caráter intolerável da sua situação e percebeu que se aproximava de uma catástrofe, por isso ficou infinitamente feliz quando Paraskeva lhe pediu

que a acompanhasse a Moscou para fazer compras e assistir a um concerto espiritual executado pelos sinos de Moscou.

Um pequeno aeroplano os deixou no aeroporto central às três horas, e, como ainda faltava uma hora para o início do concerto, Paraskeva propôs a Alexei visitar os museus de Moscou. Falou-lhe que agora haviam conseguido o que a grande revolução havia sido impotente para cumprir, isto é, subtrair da rotina dos museus todos os tesouros do espírito que ali se conservavam.

– Até o Museu Histórico saiu de sua letargia em 1970!

O novo edifício do Museu Rumiancev ocupava toda uma enorme mansão, indo desde o Maneggio até a rua Znamenka, com a fachada chegando aos Jardins de Alexandre. Nas largas salas, desfilaram diante deles as estupendas visões de Sandro Botticelli, de Rubens, de Velázquez e outros exemplos da arte antiga, como lacas japonesas e chinesas que nunca tinham sido mostradas até então. Os tesouros eram presentes de países estrangeiros oferecidos em troca de ícones de Novgorod e de Suzdal pelos museus do Ocidente e dos países orientais, explicou Paraskeva. Alexei percorreu com uma olhada superficial dezenas de salas, detendo-se na das relíquias. Impressionou-se com o quarto de Pushkin, que lhe revelou a alma do grande poeta melhor do que as dezenas de livros que já havia lido sobre ele. Ali estavam o álbum Ushakov, folhetos com poesias para o álbum, retratos dos parentes, a casinha de Nashekin e centenas de outros testemunhos daquela vida ilustre.

Sentiu-se confuso nas salas da época da grande revolução, onde rostos e objetos conhecidos, um pouco apagados pelo pó do tempo, o olhavam de modo particularmente provocante.

Porém, não era possível atrasar-se mais; em meia hora, deveria soar a primeira badalada.

Quando saíram à rua, viram multidões chegando às praças, aos parques e aos jardins situados nos limites de Moscou. Alexei recebeu um programa, no qual leu que, para festejar o fim da colheita, a Associação Alexandre Smagin convidava a todos os camponeses da região de Moscou para a audição do seguinte programa, executado pelos sinos do Kremlin, com o concurso dos sinos de outras igrejas de Moscou.

Programa:

1. Carrilhão de Rostov do século XVI.
2. Liturgia de Rachmaninov.
3. Carrilhão de Akimov (1731).
4. Relógio Musical de Borisiak.
5. Escala de Egorevsk.
6. Prometeu de Skriabin.
7. Carrilhão de Moscou.

Um momento depois, um denso repique dos sinos do campanário de Polieleinaia ressoou e expandiu-se sobre Moscou. Responderam-lhe a oitava de Kadashi, São Nicolau Grã-Cruz, o Monastério da Conceição, e o carrilhão de Rostov abraçou toda Moscou. Os sons de bronze que caíam do alto sobre a multidão que havia feito silêncio pareciam tombar das asas de algum pássaro desconhecido. Concluída sua parte, os sons de Rostov subiram progressivamente até as nuvens, enquanto os sinos do Kremlin começaram as soberbas escalas da Liturgia.

Perturbado, comovido pelo triunfo supremo da arte, Alexei sentiu-se de repente levado ao apogeu.

Voltou-se rapidamente e viu Katerina que, com ares de mistério, lhe fazia sinais para que a seguisse... Experimentou dizer-lhe algo, mas os sons da sua voz perdiam-se entre os repiques dos sinos.

Um instante depois, entravam nas salas do gigantesco restaurante Júlia e o Elefante, cujos grandes ambientes permitiam fugir dos sinos.

– Não sei quem é você – sussurrou Katerina, agitada. – Só sei que você não é Charlie Man.

E embaraçada e confusa, contou-lhe que sua má pronúncia inglesa e seu puríssimo sotaque russo, as particularidades de sua vestimenta e sua ignorância nas matemáticas haviam provocado, desde o primeiro dia, em sua família, uma desconfiança crescente, que pensaram que ele fosse um antropósofo que estava preparando a aventura alemã, que estava sob ameaça de prisão ou talvez algo pior, que ela não acreditava naquelas calúnias, que os dois dias passados lhe haviam ensinado a conhecê-lo e a amá-lo, que era um homem fora do comum, predador e orgulhoso como um lobo, que tinha procurado adverti-lo e que lhe suplicava que se fosse, que temia atrair sobre seus rastros o poder judicial que estava prendendo os alemães e os antropósofos, que a guerra poderia ser declarada de um momento a outro. De repente, beijou-o e, também de repente, desapareceu.

Kremnev, que na época da autocracia russa havia passado anos na clandestinidade, ficou aturdido e aniquilado pela sua situação desesperadora. Estremeceu notando sobre si o olhar fixo e cheio de suspeitas dos garçons.

Saiu rapidamente do restaurante da praça. Os sinos já não agitavam o céu e a multidão inquieta dispersava. Os jornaleiros lançavam pequenos manifestos. “A guerra, a guerra”, ouvia-se de todos os lados.

Não havia dado nem dez passos quando alguém apoiou sobre seu ombro uma mão pesada e uma voz se ouviu: “Pare, camarada, você está preso”.

Capítulo décimo terceiro,

que permite a Kremnev conhecer a má organização dos lugares de detenção do país da utopia, assim como algumas formas de seu procedimento judicial.

O amplo albergue para os viajantes das terras de Riazan, provisoriamente transformado em prisão, estava rodeado por piquetes da guarda camponesa, vestidos com as pitorescas roupas dos arqueiros dos tempos de Alexei Michailovich.

Quando o comissário que havia prendido Kremnev o conduziu ao vestíbulo e o confiou às mãos do administrador, este anotou o número da prisão e, depois de ter telefonado ao porteiro, disse:

– Nós nos enganamos um pouco no cálculo do espaço disponível e vejo-me obrigado a colocá-lo, por esta noite, numa sala comum. Você parece não ter bagagem. Se é de Moscou, dê-nos seu endereço e faremos trazer de sua casa o indispensável.

Kremnev respondeu que, lamentavelmente, estava de passagem e lhe prometeram que o que lhe fosse necessário seria procurado nas reservas do albergue.

A sala de concertos do albergue, adaptada para servir de prisão, parecia uma estação ferroviária dos belos tempos antigos. Homens e senhoras de idade e condições diversas estavam sentados perto de malas e pacotes, com a expressão aborrecida, enfadada. Havia alemães com jaquetas de pele e quepes, delgados e arrojados, cheios de altivez teutônica e de desprezo por tudo que os rodeava. Polidas senhoras russas, jovens de olhos ausentes e incolores e vibrantes indivíduos de origem oriental.

Como Alexei logo teve oportunidade de compreender, as senhoras russas e os jovens eram antropósofos, desgraçadas vítimas das astúcias germânicas, subjugadas pelo grande ideal alemão.

Dentro da sala, o administrador do cárcere pediu desculpas uma vez mais a todas as pessoas ali reunidas pela privação da liberdade e as condições infernais da organização; expressou sua esperança de que, em um par de dias, todos recuperassem sua liberdade e prometeu compensar os aborrecimentos com uma boa comida e toda a espécie de distrações.

Com efeito, a refeição, ou melhor dito, a ceia, não se fez esperar e, à noite, os alemães que haviam sentado ao redor da mesa de jogos se encarniçavam com as cartas, enquanto o resto do público assistia a um pequeno concerto organizado pelo administrador.

Dormiram vestidos sobre pequenas camas dobráveis. Pela manhã, Alexei sofreu um interrogatório e, perguntado sobre quem era e por que se fazia passar pelo engenheiro americano Charlie Man, relatou sinceramente toda a sua história. Temia que seu relato fosse acolhido com gargalhadas e, como prova, citou seu busto no museu de cera da Belaia Kolp e os documentos que provavelmente se encontravam nas salas das relíquias do Museu Rumiancev.

Para sua grande surpresa, seu relato não encontrou nem objeções nem perplexidade, mas foi cuidadosamente anotado, e lhe foi dito que à noite seria submetido a uma perícia.

Durante todo o dia, penosamente longo, Kremnev permaneceu sentado, olhando a cidade das janelas da habitação que lhe fora imposta.

O mar social estava tempestuoso, e a Rússia camponesa, como o Velho Chernomor, fazia surgir de suas vísceras 33 valorosos cavaleiros.

Densas colunas de soldados avançavam, com os passos rápidos dos montanhese franceses, sobre o caminho abaixo das janelas. Uma jovem senhora montada em um cavalo branco, com um vestido azul de amazona e com um penacho de general sobre a cabeça, passava em revista a cavalaria ligeira das amazonas. Com o ânimo agitado, Alexei reconheceu as feições de Katerina na comandante de um dos agitados esquadrões. Rapidamente, a cavalaria passou pela infantaria e multidões de cidadãos tomaram todo o espaço visível.

O povo escutava os discursos pronunciados pelos oradores e outros que saíam dos alto-falantes e pegava no ar os montes de telegramas que eram lançados entre as pessoas.

Anoitecia quando Alexei foi obrigado a entrar num automóvel fechado, e foi levado à rua Mojovaia, onde, na sala redonda do Conselho da Universidade, o esperava uma comissão de peritos.

– Diga-nos – iniciou sua pergunta um velho de rosto vincado, usando óculos com armação de ouro – o que é Obljomzap? Se você é realmente um contemporâneo da grande revolução, deve esclarecer-nos sobre o significado dessa palavra.

Kremnev respondeu sorrindo que se tratava do Comitê Executivo Regional da Região Ocidental, instituição que havia existido durante certo tempo em Petrogrado, depois da transferência da capital para Moscou.

– Que tipo de instituição era Chejmonkult?

– Era o Comitê Central da Cultura Monopolizada, instituído em 1921 para forçar a utilização das forças culturais.

– Diga-nos: quais foram os motivos que levaram à criação dos comitês dos camponeses pobres e a sua rápida supressão?

Kremnev também respondeu a essa pergunta de maneira bastante satisfatória.

Apresentaram-lhe uma série de documentos da época com o pedido de comentá-los, o que fez de maneira igualmente satisfatória. Precisou, ainda, explicar com detalhes e exaustivamente a idéia da urbanização da agricultura e, em seguida, responder a uma pergunta sobre as fazendas soviéticas.

Finalmente, seus interlocutores-professores sacudiram a cabeça por longo tempo com uma expressão compassiva e declararam, dispensando-o, que indubitavelmente Alexei havia lido muito

sobre a época revolucionária, que dava para perceber o seu bom conhecimento dos arquivos, mas que não expressava o espírito da época e que, por incompreensão, fazia uma interpretação aberrante dos sucessos históricos, motivo pelo qual em absoluto podia ser reconhecido como contemporâneo. Quando Alexei foi reconduzido à prisão, as ruas transbordavam uma multidão triunfante, que murmurava fragorosamente como o ruído do mar.

Capítulo décimo quarto,

que narra, ao mesmo tempo, que os arados podem ser transformados com êxito em espadas e que Kremnev volta a encontrar-se finalmente em uma situação extremamente triste.

O toque solene e harmonioso do sino despertou os hóspedes forçados do albergue para viajantes das terras de Riazan, aos quais rapidamente foi anunciado que, em razão do fim da guerra, estavam todos livres, mas que aqueles que quisessem poderiam ficar para o desjejum.

A prisão transformou-se imediatamente num animado albergue e recuperou sua característica primitiva.

Quando Kremnev preparou-se para partir, o administrador entregou-lhe uma folha dobrada com a sentença da comissão investigadora. Ali estava escrito que, por inexistência de crime, o cidadão que afirmava chamar-se Kremnev, Alexei devia ser libertado como os demais. A comissão considerava inverossímil a sua versão sobre sua origem, mas, não havendo motivo para ver na atitude do cidadão que afirmava chamar-se Kremnev nenhum elemento delituoso, cessava a instrução iniciada por Nikifor Minin.

Alexei decidiu aproveitar-se do direito que lhe havia sido concedido e desjejuar às expensas do Estado sobre o terraço de sua prisão. Depois de haver ocupado uma pequena mesa, submergiu na leitura de um panfleto lançado por um jornaleiro, que trazia o comunicado oficial do fim da guerra.

Alexei leu que, no dia 7 de setembro, três exércitos do contingente germânico, acompanhados por nuvens de aeroplanos, haviam irrompido no território da República Camponesa Russa e, no lapso de 24 horas, sem encontrar indícios nem de resistência, nem de presença da população, haviam avançado 50 verstas e, em certos pontos, diretamente 100.

Às 3h15 da noite de 7 para 8 de setembro, de acordo com os planos estabelecidos, os meteoróforos da zona fronteira dirigiram a intensidade máxima de fluxo magnético sobre uma área ciclônica de pequeno alcance e, em meia hora, exércitos de milhões de homens e dezenas de milhares de aeroplanos foram literalmente varridos por espantosas correntes de ar. Ao longo da fronteira, levantou-se uma cortina de vento, e trenós aéreos da Tara socorreram, na medida do possível, as hordas descontroladas. Duas horas depois, o governo de Berlim anunciava que terminava a guerra e que pagaria quaisquer danos que esta houvesse causado.

A forma de pagamento escolhida pelo Conselho Russo dos Comissários do Povo foi a seguinte: algumas dezenas de telas de Botticelli, Domênico Veneziano, Holbein, o altar de Pérgamo, mil gravuras chinesas em cores do período Tang, assim como mil touros reprodutores da famosa raça Nur für Deutschland.

As sonoras trombetas do exército camponês tocavam marchas, e as notas do Prometeu de Skriabin, o hino nacional, agitavam o céu de Moscou.

Kremnev bebeu o café, terminou o rosbife e levantou-se. Com as costas curvadas, assombrado pelas vitórias, desceu lentamente a escada do terraço, e só, sem relações e sem meios de subsistência, entrou na vida de um país utópico que era quase desconhecido para ele.

Sobre o autor

Alexander Vasilevich Chayanov nasceu em Moscou, em 1888. Foi agrônomo, escritor e crítico de arte. Em 1910, graduou-se pelo Instituto de Agricultura de Moscou. Lecionou em várias universidades, entre as quais a de Moscou, onde foi leitor de história e etnografia territorial. Entre outras atividades de direção, foi suplente do ministro da Agricultura do governo provisório. Bibliógrafo apaixonado e colecionador, Chayanov foi membro da sociedade "Velha Moscou", um dos fundadores da Sociedade Russa de Amigos do Livro e curador do Museu Municipal.

Seus trabalhos mais famosos são sobre teoria e prática da cooperação agrícola e sobre organização da produção agrícola. Também foi autor de várias novelas de ficção, como *Viagem do meu irmão Alexei ao país da utopia camponesa*. Em 1976, um artigo da revista *Journal of Peasant Studies* informou que o escritor inglês George Orwell teria nomeado um de seus romances mais famosos - 1984 - sob inspiração dessa novela de Chayanov.

Expurgado por Stalin, Chayanov morreu exilado em Almati (ex-Alma Ata), Cazaquistão, em 1935.

A novela *Viagem de meu irmão Alexei ao país da utopia camponesa*, traduzida por Lourdes Grzybowski, foi publicada inicialmente no Brasil em 1991, pela ONG Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA).

A Apresentação e a Introdução desta obra estão na versão online do Portal da Educação Pública.